

Mailson e Jeffrey Sachs divergem sobre a dívida

SÃO PAULO — Os debates do seminário “A Nova Era da Economia Mundial”, realizado pelo Instituto Fernand Braudel, já haviam acabado. Eram pouco mais de 19 horas e a audiência de empresários e economistas havia praticamente abandonado o auditório do hotel Maksoud Plaza. Na mesa reservada aos palestristas, contudo, o ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, que regularizou as relações do Brasil com a comunidade financeira internacional, e o jovem professor americano Jeffrey Sachs, de Harvard, defensor da redução da dívida e da moratória unilateral dos devedores, conversavam animadamente em inglês.

“Ele queria me explicar algumas coisas sobre a nova legislação comercial americana, mas, como falta tempo, combinamos nos encontrar em Boston”, despistou, ao final de cinco minutos de diálogo, o ministro da Fazenda, que saiu levando um *paper* de Sachs embaixo do braço. Na verdade, Sachs, considerado o maior especialista mundial em dívida externa e criador do festejado programa de estabilização econômica aplicado na Bolívia, fora mais longe nesse breve encontro: ele garantiu ao ministro brasileiro que os bancos e o governo americanos estão prontos a aceitar a redução da dívida externa, e sugeriu ao ministro brasileiro que diga ao Congresso americano, nos próximos seis meses, com estudos detalhados, que a dívida não pode ser paga.

“Todos os dias os banqueiros se beliscam e perguntam por que os países da América Latina continuam a pagar uma dívida que eles já lançaram como perda em seus livros”, dissera Sachs durante sua aplaudida palestra, realizada pouco antes da chegada do ministro da Fazenda. “A razão por que não se consegue uma solução melhor para o problema da dívida é que os devedores não dizem nada, não se mexem e nem fazem pressão como deveriam”, acusou o eloquente economista, que assessorou o governo brasileiro na elaboração da proposta apresentada aos bancos credores, em setembro do ano passado, pelo então ministro Luiz Carlos Bresser Pereira. “A retirada da moratória brasileira foi um presente para os banqueiros, e eles não entendem por que o Fundo funciona de forma tão favorável para eles.”

O ministro Mailson, cuja conferência fechou o encontro, não podia ter sustentado

uma posição mais divergente. “A estratégia da cooperação é o caminho adequado, não o confronto”, disse o ministro que fez o incondicional primeiro pagamento aos credores depois da moratória. “Temos certeza que, ao normalizar as relações com o mercado financeiro, poderemos nos beneficiar das soluções que este mesmo mercado está criando para diminuir a dívida”, sustentou. “O acordo que acabamos de firmar com os banqueiros não pode ser visto como algo definitivo, pois é apenas um primeiro passo.”

No auditório, ouvindo Mailson — a quem foi cumprimentar no final do evento, e de quem ouviram notícias animadoras sobre o andamento do programa de contenção dos gastos públicos — o antecessor de Mailson, Bresser Pereira, discordava de tudo o que dizia seu secretário geral do Ministério. “A dívida foi negociada, a situação financeira internacional do Brasil normalizada” e, todavia, o deságio sobre a dívida brasileira no exterior e a inflação aqui continuam aumentando”, dizia Bresser. “Tirem suas conclusões.”

A verdade é que as intervenções no seminário — cuja preocupação fundamental foi discutir a formação de capital e a redução de investimentos, principalmente na América Latina — caminharam muito mais à frente das conservadoras posições defendidas pelo ministro da Fazenda brasileira. Mesmo o embaixador Rubens Ricúpero, que compareceu em nome do Itamarati, fez um longo, emocionado e aplaudidíssimo pronunciamento que apelava, simultaneamente, à modernização da economia do país e à inviabilidade de reger-se a economia brasileira de acordo com os livros de caixa dos banqueiros.

“Acho que estamos saindo da ressaca conservadora provocada por aquela moratória mal feita”, opinava o jovem economista Eduardo Gianetti da Fonseca, da Universidade de São Paulo, que acaba de retornar de seis anos em Cambridge, na Inglaterra. Segundo ele, as discussões em torno da dívida estão muito mais avançadas no exterior do que no Brasil — uma opinião reforçada por Sachs, da Harvard, segundo quem o Brasil não deveria permitir que apenas economistas do hemisfério norte apresentassem soluções corajosas e radicais para o impasse da dívida. “Vocês precisam fazer sua parte”, sugeriu.